

ARTIGOS

Luã Leal Gouveia¹

Cláudia Letícia Gonçalves Moraes^{II}

Uma leitura racial de “A paixão segundo G. H.”: ressignificando o romance de Clarice Lispector a partir dos estudos sobre racismo

A racial reading of "The Passion According to G.H.":
reinterpreting Clarice Lispector's novel
through of racism studies



RESUMO:


A presente discussão debruça-se sobre a análise obra *A paixão segundo G. H.*, da autora modernista Clarice Lispector, e promove uma leitura a respeito da questão racial no romance. A interpretação analisa a figura de Janair, empregada doméstica negra, que, não estando presente no enredo do romance, marca sua participação a partir de uma inscrição feita à carvão por ela, deixada na parede do quarto de empregada. Essa atitude movimentou a vida organiza e monótona da protagonista do romance de Clarice Lispector, deixando-a desconfortável, com raiva e imaginando que a empregada a odiava, o que indica que estes sentimentos contra esta personagem ausente podem ser analisados como imagens do racismo. Para tanto, a leitura atravessa as discussões de autores que debatem o tema racial como, Frantz Fanon, que realiza no texto *A experiência vivida no negro* uma espécie de teoria confessional. Para tanto, o trabalho realiza uma aproximação entre as obras com o interesse de pensar e/ou repensar esse romance de Lispector, analisando as visões de G. H., Janair e Fanon como formas de traduzir o racismo. Assim, como escopo teórico foram utilizados, além da leitura de Frantz Fanon (2008), autores como Benedito Nunes (1995, 2009), Alfredo Bosi (2017), Evandro Nascimento (2012), bem como a referência a documentos oficiais como os dados demográficos (2019) e a revisitação ao texto literário, com o interesse de promover uma interpretação a partir do viés racial acerca dessa obra de Clarice Lispector.


Palavras-chave: Crítica literária; Racismo; Experiência negra

ABSTRACT:

This discussion focuses on the analysis of *The Passion According to G.H.*, by the modernist author Clarice Lispector, and promotes a reading of the racial issue in the novel. The interpretation analyzes the figure of Janair, a black maid, who, although not present in the plot of the novel, marks her participation through an inscription she made in charcoal, left on the wall of the maid's room. This attitude moved the organized and monotonous life of the protagonist of Clarice Lispector's novel, making her uncomfortable, angry and imagining that the maid hated her, which indicates that these feelings against this absent character can be analyzed as images of racism. In order to do this, the reading goes through the discussions of authors who debate the issue of race, such as Frantz Fanon, who in his text *The lived experience of the Negro* is a kind of confessional theory. To this end, the work brings the works together in order to think about and/or rethink Lispector's novel, analyzing the visions of G.H., Janair and Fanon as ways of translating racism. Thus, in addition to reading Frantz Fanon (2008), authors such as Benedito Nunes (1995, 2009), Alfredo Bosi (2017), Evandro Nascimento (2012) were used as a theoretical scope, as well as reference to official documents such as demographic data (2019) and revisiting the literary text, with the interest of promoting an interpretation from the racial bias about this work by Clarice Lispector.

Keywords: Literary criticism; Racism; Black experience

¹ Doutorando em Psicologia, Universidade Federal do Pará, Belém, PA, Brasil.
lua.gouveia@ilc.ufpa.br,  <https://orcid.org/0000-0002-7141-5882>

^{II} Doutora em Literatura pela Universidade de Brasília; Professora, Universidade Federal do Maranhão, São Bernardo, MA, Brasil.
claudiamoraes27@gmail.com,  <https://orcid.org/0000-0001-9652-3233>

INTRODUÇÃO

A presente proposição intenta promover uma interpretação acerca do romance *A paixão segundo G. H.* (2009), da autora brasileira Clarice Lispector, a partir de uma leitura racial. Essa proposta faz um recorte – de modo crítico – na obra de Lispector, focando sobretudo no momento em que a protagonista e narradora, identificada apenas pelas suas iniciais G. H., adentra o quarto da empregada doméstica que havia se despedido no dia anterior.

Publicado em 1964, o romance *A paixão segundo G. H.* narra a experiência agônica e “tormentosa, motivada por um acontecimento banal” (Benedito Nunes, 1995, p. 58) de uma mulher de classe elevada da sociedade, pois morava em um apartamento de cobertura, que em um indeterminado dia se viu emaranhada nos enlazes da vida. É sobre a motivação desse embaraço que este trabalho busca se orientar, pois se compreende que na atividade da crítica literária reside uma rica discussão sobre a questão do racismo, objetivo central do presente debate.

Desse modo, busca-se discutir a obra propondo uma nova interpretação acerca dela, com o interesse de ampliar a teoria de Alfredo Bosi sobre o romance *A paixão segundo G. H.* que afirma: “[...]E a obra toda é um romance de educação existencial” (BOSI, 2017, p. 453), essa afirmação que

está em harmonia com outro relevante estudioso de Clarice Lispector, Benedito Nunes, que explica sobre o ato de conceber o mundo dos personagens clariceanos: “[...] Qualquer que seja a posição filosófica da escritora, o certo é que a *concepção do mundo* de Clarice Lispector tem marcantes afinidades com a filosofia da existência” (NUNES, 2009, p. 93).

Corroborando com os autores supracitados, podemos afirmar que o legado clariceano tem uma forte experiência com a existência, pois Clarice Lispector coloca no seu enredo as dificuldades e embaraços que a vida pode lançar aos indivíduos. Entretanto cabe também perguntar: quais existências são essas? A quais tipos de individualidade a autora lança seu olhar? Neste trabalho, busca-se pensar existencialmente a figura da empregada doméstica que, de modo periférico, aparece no itinerário do romance, aproximando os pensamentos e analisando como é vista uma empregada doméstica negra na década de 60.

Para tanto, o presente trabalho analisa a obra literária *A paixão segundo G. H.*, de Clarice Lispector, propondo uma leitura sobre o racismo e buscando promover uma interpretação acerca do romance para além da questão filosófica existencialista, com isso, promover uma reflexão também de cunho social, pois a figura da empregada doméstica Janair promove inúmeras reflexões, sobretudo, as concepções que são lançadas sobre as

peças negras, isto é, refletindo a existência e o papel social desses indivíduos.

Desse modo, a discussão orienta-se através do livro de Clarice Lispector, propondo um levantamento de fragmentos que elucidam as reflexões acerca da questão racial, desse modo, a priori, o trabalho se demora no texto *A paixão segundo G. H.* e, adiante, uma aproximação com o texto de Frantz Fanon: *A experiência vivida do negro*, com o interesse de promover uma leitura sobre esse livro de Lispector. Foram consultadas obras dos críticos literários Alfredo Bosi e Benedito Nunes, assim como dados oficiais pesquisados e constatados acerca do trabalho doméstico exercido no Brasil, com o interesse de promover a presente interpretação sobre o romance.

O DRAMA SEGUNDO G. H.: O CAMINHO PARA O DEPÓSITO DE RESTOS

A obra publicada em 1964 pela autora Clarice Lispector é narrada pela personagem principal que se identifica apenas pelas suas iniciais: G. H., que precisa narrar o que lhe ocorreu no dia anterior, como forma de tentar entender o que lhe causou uma “desorganização profunda”, o que a fez perder sua “montagem humana”. Esses primeiros elementos demonstram, para este trabalho, como

G. H. se sentiu desestruturada no contato com o estranhamento, sobretudo, com a figura de uma personagem que não está presente no romance, mas que é citada em certos fragmentos: a empregada doméstica. Acerca dessa busca, a personagem em suas primeiras narrações discorre:

Estou procurando, estou procurando. Estou tentando entender. Tentando dar a alguém o que vivi e não sei a quem, mas não quero ficar com o que vivi. Não sei o que fazer do que vivi, tenho medo dessa desorganização profunda. Não confio no que me aconteceu (LISPECTOR, 2009, p. 9).

De acordo com a personagem, o que lhe ocorreu transfigurou sua vida e, através da linguagem, recontando o que lhe ocorreu no dia anterior, tentará compreender o ocorrido. G. H. é uma mulher estável, solteira que, em tempos remotos, fez um aborto e vivia em um apartamento de cobertura, lugar esse descrito pela personagem como um lugar de dominância e identitário. Conforme se observa adiante:

O apartamento me reflete. É no último andar, o que é considerado uma elegância. Pessoas de meu ambiente procuram morar na chamada “cobertura”. É bem mais que uma elegância. É um verdadeiro prazer: de lá domina-se uma cidade. Quando essa elegância se vulgarizar, eu, sem sequer saber por que, me mudarei para outra elegância? Talvez (LISPECTOR, 2009, p. 29).

Aqui temos o primeiro traço de uma diferença abissal de identificação com o espaço, pois, considerada uma mulher organizada, morar em uma cobertura é uma experiência de prazer e dominação, pois não há nada mais acima dela, encontra-se no topo. Mas, naquele mesmo espaço de elegância e dominação, há o ambiente estranho e pouco explorado: o quarto da empregada doméstica. Esse que fica próximo da área de serviço, confirmando que é um cômodo distinto do apartamento. Essa diferença é descoberta quando a personagem, sem a empregada doméstica, resolve limpar seu apartamento, conforme ela narra:

Levantei-me enfim da mesa do café, essa mulher. Não ter naquele dia nenhuma empregada doméstica iria me dar o tipo de atividade que eu queria: o de arrumar. Suponho que esta seja a minha vocação verdadeira. Ordenando as coisas, eu crio e entendo ao mesmo tempo (LISPECTOR, 2009, p. 32).

Nesse fragmento, percebe-se que há um prazer pela organização e que, através dessa personagem consegue compreender as coisas, é como se sua constituição enquanto sujeito estivesse atrelada à organização, considerando também que esta está vinculada ao seu lugar social. Acerca dessa sua posição social observa-se o fragmento adiante:

Mas tendo aos poucos, por meio de dinheiro

razoavelmente bem investido, enriquecido o suficiente, isso impediu-me de usar essa minha vocação: não pertencesse eu por dinheiro e por cultura à classe a que pertença, e teria normalmente tido o emprego de arrumadeira numa grande casa de ricos (LISPECTOR, 2009, p. 32).

Aqui percebe-se que é uma personagem financeiramente estável que, caso não tivesse o dinheiro bem investido, poderia “normalmente” ter conquistado o emprego de empregada doméstica. Isso mostra a familiarização psíquica dos indivíduos acerca desse tipo de mão de obra, visto que, por não possuir bens, tipicamente o que restaria para sobrevivência é ser funcionária dos trabalhos domésticos.

Mais adiante a personagem, com seu desejo por arrumar seu apartamento, começa a pensar sobre a arrumação e os cômodos do seu imóvel, nesse seu interesse começaria pelo espaço menos privilegiado de sua atenção: o quarto da empregada. Conforme se constata:

Começaria talvez por arrumar pelo fim do apartamento: o quarto da empregada devia estar imundo, na sua dupla função de dormida e depósito de trapos, malas velhas, jornais antigos, papéis de embrulho e barbantes inúteis. Eu o deixaria limpo e pronto para a nova empregada (LISPECTOR, 2009, p. 33).

Com esse fragmento, analisa-se duas ques-

tões acerca do cômodo: primeira, por ser o último do ambiente, lugar que não se vê de imediato, está escondido, encoberto pela “elegância do apartamento”; o segundo ponto é ele ser dedicado para os restos da casa, o que inclui a empregada doméstica, pois com “função dupla” de dormir e guardar “coisas inúteis” o espaço ganha esta identidade: resíduo sujo. O espaço é precedido por escuridão, sinalizando seu total esquecimento, de acordo com a narradora do romance acerca do quarto:

Depois dirigi-me ao corredor escuro que se segue à área.

No corredor, que finaliza o apartamento, duas portas indistintas na sombra se defrontam: a da saída de serviço e a do quarto da empregada. O *bas-fond*¹ de minha casa. Abri a porta para o amontoado de jornais e para as escuridões da sujeira e dos guardados (LISPECTOR, 2009, p. 36).

Esse recorte está carregado de observações que devem ser feitas acerca de um indivíduo que, mesmo não presente, possui características marcantes, como: o esquecimento, a sujeira, a escuridão e, sobretudo, o desarrumado (o oposto da protagonista). A partir do excerto desenha-se também a visão de mundo da protagonista em relação àquele espaço, sobretudo se analisarmos o termo *bas-fond* empregado por G.H: o lugar menos visível, mais obscuro e por consequência considerado

o mais sujo e degradado daquele apartamento de luxo. Vale observar ainda a descrição clariceana: “No corredor, que finaliza o apartamento, duas portas indistintas na sombra se defrontam: a da saída de serviço e a do quarto da empregada”. Estas duas portas são a personificação do trabalho doméstico que serve a classe média-alta brasileira. Um trabalho invisível, feito “na sombra” porque não pode interferir na dinâmica da casa e, para além de tudo, um trabalho que deve ser feito por corpos invisíveis – é para este corpo que não pode nem deve ser visto que é feita a chamada “saída de serviço”, ou seja: uma porta que serve de circulação para aqueles que fazem a casa funcionar, mas ao mesmo tempo não devem ser vistos para não causar incômodo: empregadas, entregadores, motoristas etc.

Vale ressaltar que, até este momento da narrativa, a raça da empregada doméstica ainda não foi mencionada, mas advindo de um país com uma longa história escravocrata, com mais de 3 séculos de escravidão legal e tendo sido o último país das Américas a abolir a escravidão, pode-se de modo intuitivo já configurar psicologicamente a imagem dessa doméstica na década de 60. Esse traço pode ser constatado através de dados mais recentes, publicados em 2019, promovido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA, através dos levantamentos colhidos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, por meio de sua

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD (Contínua).

A investigação e constatação do ano de 2019 foram compartilhadas através do livro intitulado *Os desafios do passado no trabalho doméstico do século XXI: reflexões para o caso brasileiro a partir dos dados da PNAD Contínua*. Na pesquisa realizada constatou-se que no ano de 2018 existiam no Brasil mais de 6 milhões de indivíduos ocupando o trabalho doméstico remunerado, entretanto 92% destes trabalhadores são mulheres. Ainda conforme os dados levantados a maioria dessas trabalhadoras eram mulheres negras. Com esses dados, o que se observa é que existe um corte de gênero e raça que estrutura esses dados sociais. Conforme as autoras do livro introduzem as discussões sobre essa prática trabalhista no país:

O trabalho doméstico no Brasil é um trabalho realizado majoritariamente por mulheres negras oriundas de famílias de baixa renda. Essa afirmação soaria coloquial não apenas em função da banalização que se faz da presença das mulheres no serviço doméstico, mas também pelo racismo estrutural que, em alguma medida, aprisiona os corpos de mulheres negras nas mesmas atividades realizadas na cozinha da casa grande durante o período de escravidão (PINHEIRO; LIRA; REZENDE; FONTOURA, 2019, p. 11).

Ainda segundo os dados levantados pelas

autoras, esse tipo de serviço realizado no Brasil estaria com maior frequência sendo desempenhado por mulheres negras. Para as estudiosas, apesar de existir uma fala já corriqueira entre as pessoas dizendo que o lugar da mulher é onde ela quiser, nem sempre isso ocorre de modo simplista. Isso se dá porque as estatísticas mostram que essa atividade trabalhista ainda continua sendo desenvolvida na sua maioria por mulheres negras, conforme pode ser constatado nos dados levantados pelas autoras:

Se 6,2 milhões de pessoas, entre homens e mulheres, estavam empregadas no serviço doméstico, mais de 4 milhões eram pessoas negras – destas, 3,9 milhões eram mulheres negras. Estas, portanto, respondem por 63% do total de trabalhadores(as) domésticos(as). Ou seja, do ponto de vista do discurso, as mulheres negras “podem estar onde quiserem”; na prática, porém, a realidade as direciona, de maneira desproporcional, a trabalhos como o serviço doméstico remunerado, com toda a precariedade e exploração que lhe são característicos (PINHEIRO; LIRA; REZENDE; FONTOURA, 2019, p. 12).

Segundo pode ser observado com as autoras, no Brasil há um índice bastante elevado de pessoas vivendo do trabalho doméstico e esse número é expressivo quando se fala da mulher negra, considerando a história do nosso país, país calcado no advento da escravidão e considerando o históri-

co de trabalho doméstico compulsório atrelado às mulheres negras - historicamente destinadas a essas atividades. A interação com esses dados é para aproximar a leitura acerca da figura da empregada doméstica de G. H., pois, como se observou com a pesquisa, no ano de 2018 já temos esse número expressivo, assim supõe-se que o índice na década de 60 seria muito maior, por isso essa ideia – mesmo que indireta – que a empregada doméstica, embora ainda não sido declarada no romance qual sua raça, já a se tem marcada a partir de sua ocupação no trabalho doméstico.

Adiante, refletindo junto do romance de Clarice Lispector, algo inesperado ocorre com a personagem, houve um espanto, pois aquilo que havia criado em torno daquele referencial humano, o de uma empregada doméstica, estava em desarmonia com o seu ideal. G. H. se vê perante da enorme descoberta, o quarto da empregada não possuía a sua expressão, mas sim da empregada: quarto limpo e iluminado. Conforme se pode observar com os fragmentos adiante:

Mas ao abrir a porta meus olhos se franziram em reverberação e desgosto físico.

É que em vez da penumbra confusa que esperara, eu esbarrava na visão de um quarto que era um quadrilátero de branca luz; meus olhos se protegeram franzindo-se.

Há cerca de seis meses – tempo que aquela empregada ficara comigo – eu não entrava ali, e meu espanto vinha de deparar com um quar-

to inteiramente limpo (LISPECTOR, 2009, p. 36).

O espanto da personagem é avassalador: encontrar um lugar limpo e iluminado a deixa em desgosto, pois este quarto não constituía o arquétipo imaginado sobretudo, por tomar consciência que aquele espaço fazia parte da sua casa, entretanto ela o desconhecia. É importante sinalizar que “há seis meses” ela não tinha ciência daquele espaço, talvez, por ser um lugar de empregadas domésticas e que, como já ficou explícito nas passagens supracitadas, é um lugar imundo e depósito dos restos.

A EXPERIÊNCIA VIVIDA DO NEGRO: APROXIMAÇÕES ENTRE FANON E JANAIR

Diante do exposto, este trabalho agora propõe uma interação com o expoente livro publicado em 1952, por um importante intelectual negro da Martinica, Frantz Fanon, intitulado *Pele negra, máscaras brancas* (2008). A obra é atravessada por inúmeras críticas acerca das identidades construídas e produzidas, sobretudo, do negro e a sua relação com a sociedade, isto é, a experiência como indivíduo negro no mundo.

Entretanto, com o interesse de possibilitar uma leitura mais objetiva, a presente discussão

busca se demorar no capítulo intitulado *A experiência vivida do negro*, pois neste há a narração da vivência particular do autor do livro, enquanto homem negro, que pode ser observada aqui neste trabalho como uma visão inversa da personagem G. H., pois no romance de Clarice Lispector temos uma narradora que fala da experiência com a negra, a empregada doméstica, e no texto de Fanon é a própria vivência do negro – o negro a partir do seu lugar de fala.

Aqui é importante apoiar-se ao que a filósofa brasileira Djamilia Ribeiro em seu livro *Lugar de Fala* (2017) aborda acerca do conceito de falas que vêm de um certo lugar. Para a autora, o lugar social do qual o indivíduo está localizado, com sua conjuntura e história, determina suas experiências singulares que familiarizam e fazem com que essa pessoa passe a experimentar de uma vivência particular, nesse sentido, esse ser humano observa o mundo e reflete sobre ele de forma diferente, a estudiosa aborda: “O lugar social não determina uma consciência discursiva sobre esse lugar. Porém, o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas” (RIBEIRO, 2017, p. 69). Assim, conforme a autora, há na experiência do lugar social uma forma e compreensão primordial acerca desse espaço, ou seja, o indivíduo demarcado socialmente problematiza esse lugar com mais veracidade. Isso se dá, porque as pessoas vivendo em sociedade não são

universalizadas, para a autora, há a importância de se individualizar os seres humanos, mesmo vivendo em sociedade, isto porque, socialmente, pessoas marginalizadas (negras e LGBTQIAP+) sofrem diferentes tipos de violência que quando se observa pela óptica universalizante essas pessoas não são identificadas. Conforme a filósofa brasileira, em diálogo com a feminista Luiza Bairros (1995), aborda: “A autora nos ensina que o debate é sobre posição ocupada por cada grupo, entendendo o quanto raça, gênero, classe e sexualidade se entrecruzam gerando formas diferentes de experienciar opressões”. (RIBEIRO, 2017, p. 71). Assim, segundo a autora, as demarcações sociais que o indivíduo está atravessado determina o seu lugar de fala.

Nesse sentido, analisar a experiência singular de Fanon, enquanto homem negro, faz com que essa discussão alcance uma experiência singular daquele que viveu e refletiu acerca do seu lugar social, assim, analisando a partir do seu lugar de fala. Deste modo, busca-se aproximar a vivência de Fanon, discorrida em seu livro, com a de Janair, personagem ausente no romance, mas que deixa uma inscrição na parede como uma mensagem à protagonista, G. H., essa que narra a sua experiência com a empregada negra.

Posto isso, analisa-se as primeiras inscrições desse texto de Fanon, conforme as palavras do autor: “Preto sujo!” Ou simplesmente: “Olhe, um preto!” Cheguei ao mundo pretendendo des-

cobrir um sentido nas coisas, minha alma cheia do desejo de estar na origem do mundo, e eis que me descubro objeto em meio a outros objetos” (FANON, 2008, p. 103). Esse importante e expressivo fragmento revela a insatisfação do autor enquanto indivíduo negro que se vê perante o mundo como um objeto, isto é, não como um sujeito ativo e participante, mas como elemento do qual pode ser usado e objetificado pelo outro.

Sobre este último ponto, a objetificação, Fanon deixa evidente o quanto esse olhar do *outro* está atravessado por construções psíquicas que foram criadas em torno da figura do negro, essas que acabaram fazendo com que o branco o veja não como um “nós”, segunda pessoa do plural, mas sim como um “ele”, terceira pessoa do singular, isto é, um alheio, sempre distante do eu/nós, pois quando se diz: “Olhe, um preto!”, atravessado nesta fala não está somente anunciando a cor do negro, mas toda uma consciência racista - sujeira, feiura, selvageria e outras - que estão implícitas nessa fala, fazendo com que esse “ele” fique ainda mais distante. Sobre isso, Fanon discorre adiante:

Enclausurado nesta objetividade esmagadora, implorei ao outro. Seu olhar libertador, percorrendo meu corpo subitamente livre de asperezas, me devolveu uma leveza que eu pensava perdida e, extraindo-me do mundo, me entregou ao mundo. Mas, no novo mundo, logo me choquei com a outra vertente, e o outro, através de gestos, atitudes, olhares, fixou-me como

se fixa uma solução com um estabilizador. Fiquei furioso, exigi explicações... Não adiantou nada. Explodi. Aqui estão os farelos reunidos por um outro eu (FANON, 2008, p. 103).

Esse recorte aborda essa relação com o outro, sobretudo, a visão que o outro, o branco, faz de Fanon na conjuntura da escrita. O olhar que é solicitado do outro é carregado por gestos e menções que violentam o negro, conforme o autor discorre, fixado em uma estabilidade inexplicável, ou seja, através das inúmeras atitudes e falas contra o negro, esse fica estável, paralisado, canalizado por uma estrutura psíquica que coloca a sua cor em cheque. Acerca dessa construção psicológica em torno da figura do negro, observa-se o fragmento adiante:

Olhe o preto!... Mamãe, um preto!... Cale a boca, menino, ele vai se aborrecer! Não ligue, *monsieur*, ele não sabe que o senhor é tão civilizado quanto nós... Meu corpo era devolvido desancado, desconjuntado, demolido, todo enlutado, naquele dia branco de inverno.

O preto é um animal, o preto é ruim, o preto é malvado, o preto é feio; olhe, um preto! Faz frio, o preto treme, o preto treme porque sente frio, o menino treme porque tem medo do preto, o preto treme de frio, um frio que morde os ossos, o menino bonito treme porque pensa que o preto treme de raiva, o menino branco se joga nos braços da mãe: mamãe, o preto vai me comer! (FANNON, 2008, p. 106-107).

Esse trecho demonstra a relação com o anímico e feio relacionado ao corpo negro, em que o menino “branco bonito” através da sua fala revela o seu medo e pavor perante o preto. Isso pode demonstrar a própria relação de G. H. e a empregada doméstica, pois inserida no lugar dos restos, ela configura o que é transpassado pelo discurso do garoto: “o preto vai me comer!” Isto é, deixando-a distante do núcleo da casa para que o insólito não venha a consumir.

Aqui se pode fazer uma relação histórica com o legado da escravidão, que grassou por quase quatrocentos anos em nosso país, o que deixou, social e economicamente falando, a população negra em posição subalterna mesmo depois do advento da abolição, ocorrida em 1888. Deste modo, compreender este espaço do quarto de empregada como extensão das antigas senzalas, espaços de sujeição e principalmente destinados às mulheres negras totalmente dedicadas aos afazeres intermináveis do trabalho doméstico – trabalho essencialmente de reprodução (FEDERICI, 2018) com implicações diretas de subordinação e exploração às vidas sociais destas mulheres, é interessante notar como este quarto de empregada ganha notoriedade na discussão aqui empreendida, sendo percebido como este espaço em que, na narrativa clariceana, os restos “aparecem” na relação estabelecida entre a protagonista GH e esta ambiência, bem como tudo que a compõe – embora a própria

“dona” do quarto, a empregada Janair, não apareça efetivamente na narrativa.

Janair, a empregada doméstica negra, foi destinada ao lugar dos restos, pois sua condição de mulher negra estava relacionada a essa estrutura. G. H., vivendo sua experiência de mulher da classe alta, pois morava em um apartamento de cobertura, acostumada com o conhecimento sobre pessoas negras, relata que o quarto era destinado para uma dupla função: dormida da empregada e depósito dos restos. Isso revela a noção racista da qual por muitos anos mulheres negras foram destinadas a dormir em seus empregos entre os entulhos, pois era isto que se espera de um negro: a condição de residual. Fanon explica acerca dessa problemática, conforme se observa a seguir da sua experiência convivendo com pessoas brancas:

-Olhe, ele é bonito, esse preto...

-O preto bonito tá cagando pra você, madame! A vergonha ornamentou o rosto da madame. Enfim eu ficava livre de minhas ruminções. No mesmo momento compreendi duas coisas: identificava meus inimigos e provocava escândalo. Completamente satisfeito. Íamos, enfim, poder nos divertir.

Tendo o campo de batalha sido delimitado, entrei na luta.

Como assim? No momento em que esquecia, perdoava e desejava apenas amar, devolviam-me, como uma bofetada em pleno rosto, minha mensagem! O mundo branco, o único honesto, rejeitava minha participação. De um

homem exige-se uma conduta de homem; de mim, uma conduta de homem negro – ou pelo menos uma conduta de preto. Eu acenava para o mundo e o mundo amputava meu entusiasmo. Exigiam que eu me confinasse, que encolhesse (FANON, 2008, p. 107).

Conforme se observa, o autor, perante um discurso racista, retruca essa fala da madame e, com isso, identifica como se dá problemáticamente essa interação social entre brancos e negros naquela conjuntura. O que se analisa com o discurso da senhora é que o preto é feio, mas aquele, diante da madame, é bonito, entretanto, esse preto bonito pouco tem interesse nessa fala dela. Com isso, cria-se um lugar conflituoso, pois a madame não espera que o negro a retruque, visto que ela acredita ser um “elogio”. Desse modo, o que se constata com isso é que se estima do negro um lugar de subalternidade, mesmo quando supõe-se estar elogiando.

Mas Fanon revidou, criando com isso um cenário conflagrado e, assim, identificando seus adversários, isso porque o branco não quer que o negro revide seus insultos, pois conforme o autor discorre: “[...]O mundo branco, o único honesto, rejeitava minha participação.” (FANON, 2008, p. 107). Isto é, replicar a fala da madame era se posicionar perante o mundo, mas não é isso que se espera de um negro, pois a “conduta de um preto”, de acordo com o autor, é de “encolhimento e

confinamento”.

Isso pode ser demonstrado a partir da relação de G. H. e Janair, pois a protagonista, assustada com uma inscrição deixada na parede, revela sua insatisfação com uma preta que vivia entre os restos da casa, deixando uma mensagem a ela. Isto, certamente, apresenta a experiência de Fanon, pois, assim como ele, Janair deixou um recado para G. H., o que a deixou assustada e confusa, pois não se esperava que uma mulher negra, entre os restos e na escuridão do imóvel, pudesse deixar uma nota sobre a existência da protagonista. Adiante, observa-se a personagem descrevendo seu espanto com as imagens deixadas pela empregada na parede:

E foi numa das paredes que num movimento de surpresa e recuo vi o inesperado mural.

Na parede caiada, contígua à porta – e por isso eu ainda não o tinha visto – estava quase em tamanho natural o contorno a carvão de um homem nu, uma mulher nua, e de um cão que era mais nu do que um cão. Nos corpos não estavam desenhados o que a nudez revela, a nudez vinha apenas da ausência de tudo o que cobre: eram os contornos de uma nudez vazia. O traço era grosso, feito com ponta quebrada de carvão. Em alguns trechos o risco se tornava duplo como se um traço fosse o tremor do outro. Um tremor seco de carvão seco (LISPECTOR, 2009, p. 38).

Para G. H. essa inscrição feita na pare-

de era como uma espécie de mensagem deixada por Janair, isto é, de como ela a via: uma “nudez vazia”. Como um modo de retrucar aquela mulher que pouco interagiu com ela, pois até mesmo desconhecia, a priori, seu nome e que a deixou, entre os restos do apartamento, vivendo a experiência de organização da casa. Mas essa mensagem na parede, para G. H., provoca uma insatisfação perante Janair, pois ela estava habitando em sua casa durante seis meses, havia feito daquele espaço um lugar alheio a ela, isto é, distante dentro do seu próprio apartamento, então, começa a imaginar que Janair a odiava, mas de modo peculiar. Conforme a protagonista discorre:

[...]E, olhando o desenho hierático, de repente me ocorria que Janair me odiara. Eu olhava as figuras de homem e mulher que mantinham expostas e abertas as palmas das mãos vigorosas, e que ali pareciam ter sido deixadas por Janair como mensagem bruta para quando eu abrisse a porta.

Meu mal-estar era de algum modo divertido: é que nunca antes me ocorrera que, na mudez de Janair, pudesse ter havido uma censura à minha vida, que devia ter sido chamada pelo silêncio de “uma vida de homens”? Como me julgara ela? (p. 39)

De súbito, dessa vez com mal-estar real, deixei finalmente vir a mim uma sensação que durante seis meses, por negligência e desinteresse, eu não me deixaria ter: a do silencioso ódio daquela mulher. O que me surpreendia é que

era uma espécie de ódio isento, o pior ódio: o indiferente (LISPECTOR, 2009, p. 40).

Esses fragmentos revelam G. H. em intenso desconforto com Janair, não somente por ter a deixado alheia no seu próprio imóvel, mas porque Janair, mulher negra e doméstica, mesmo ausente estava presente e a retrucando. O olhar de uma empregada, que vivia sorrateiramente, produziu uma visão sobre a personagem-narradora, essa que se considerava como uma mulher estável, organizada e amada por seus amigos, conforme se observa no fragmento adiante: “[...] Sou agradável, tenho amizades sinceras, e ter consciência disso faz com que eu tenha por mim uma amizade aprazível, o que nunca excluiu um certo sentimento irônico por mim mesma, embora sem perseguições” (LISPECTOR, 2009, p. 23).

G. H. se identificava como uma mulher encontrável e que cultivava relações afetivas saudáveis, mas com sua empregada doméstica havia um hiato, e a funcionária ter deixado a inscrição na parede fez com que essa fenda aumentasse, o que figurou, para G. H., como uma relação de ódio, pois silenciada por tantos meses, Janair resolveu falar, mas ausente, pois distante deixava G. H. tentando calcular as reais intenções da empregada, isto é, a violentando através da mensagem oblíqua.

O mesmo ocorreu com Fanon e a madame, ela não esperava que o autor martinicano a retru-

casse, pois não estimava aquela atitude de um negro. Fanon e Janair apresentam a insatisfação perante o silenciamento, o primeiro não se interessa pelo ideal de beleza do branco; a segunda possui o espaço destinado aos restos e deixa uma mensagem dessa sua atitude na parede. Ambos replicam como forma de expressar e demarcar suas identidades, Fanon e Janair desejam certificar, através das suas ações, suas existências, pois, conforme se observa na fala de G. H., durante seis meses teve um indivíduo que partilhou do mesmo espaço que ela, entretanto desconhecia.

Acerca do tempo, é importante analisar que há na fala da protagonista um descaso acerca da que é apenas mencionada, a empregada, visto que apesar de conviverem durante um período de seis meses, ela desconhecia totalmente daquele ser que possuía seu apartamento. Traço esse que demonstra o não interesse de humanizar a pessoa com esse tipo de serviço, consolidando, cada vez mais, os lugares já instituídos, isto é, de patrão e subalterno, mas esse padrão é quebrado quando Janair desenvolve uma expressão sobre a sua patroa. Sobre isso, é importante dialogar com o referente estudioso de Clarice Lispector, Evando Nascimento, quando o autor discutindo sobre o romance de G. H. aponta sobre a luta de classe e o espanto com o desenho deixado na parede:

Um dos horrores de G. H. vem de se reconhecer no desenho da mulher, o modo como a

Outra a via, sem que ela sequer desconfiasse. Como se a Outra, por ser “criada”, jamais pudesse ter opinião formada sobre quem a empregava, muito menos configurar uma tão estranha imagem (NASCIMENTO, 2012, p. 228).

Não se espera que uma empregada doméstica negra, vivendo entre os restos do apartamento, construiria e descreveria uma imagem acerca da sua chefe. O mais importante, é que além de deixar essa inscrição na parede, o quarto estava limpo e organizado, não se estimava que um lugar insólito guardava o desconhecido. Janair, com sua inscrição feita à carvão e com o quarto limpo, deixa G. H. incomodada, desorganizada e alheia a si, pois tinha dificuldade de compreender por que um espaço e alguém silenciado agora resolveu falar, mas se anuncia diretamente a ela, como se todo aquele espaço e atitudes fossem direcionados a ela. Todos esses traços a deixam incomodada, conforme pode ser observado adiante:

A lembrança da empregada doméstica ausente me coagia. Quis lembrar-me de seu rosto, e admirada não consegui – de tal modo ela acabara de me excluir de minha própria casa, como se tivesse fechado a porta e me tivesse deixado remota em relação à minha moradia. A lembrança de sua cara fugia-me, devia ser um lapso temporário.

Mas seu nome – é claro, é claro, lembrei-me finalmente: Janair (LISPECTOR, 2009, p. 39).

Aqui percebe-se sua enorme desumanização perante a empregada doméstica que durante seis meses de convivência não conseguia lembrar ao menos do seu rosto, após esforços conseguiu lembrar o seu nome: Janair. Certamente que essa cena demonstra a relação precária entre G. H. e Janair, esse distanciamento é muito explícito, o que faz constatar que se constituía a velha estrutura de serviçal e chefe, isto é, do senhor e do escravo. Mas de modo inesperado a mulher silenciada foi rememorada, seu silêncio que fala bagunçou a vida organizada de G. H. que então lembrou-se:

Foi quando inesperadamente consegui lembrar seu rosto, mas é claro, como pudera esquecer? Revi o rosto preto e quieto, revi a pele inteiramente opaca que mais parecia um de seus modos de se calar, as sobrancelhas extremamente bem desenhadas, revi os traços finos e delicados que mal eram divisados no negror apagado da pele (LISPECTOR, 2009, p. 40).

Com esse fragmento do capítulo IV pode-se constatar a questão racial recortando o romance, pois os traços raciais de Janair são apresentados. G. H. não somente relembrou de Janair, mas certificou sua existência através das suas características físicas. Essa demarcação racial demonstra aquilo que Fannon discutindo acerca de uma citação de Sartre sobre os Judeus quando aponta:

O judeu só não é amado a partir do momento em que é detectado. Mas comigo tudo toma um aspecto novo. Nenhuma chance me é oferecida. Sou sobredeterminado pelo exterior. Não sou escravo da “idéia” que os outros fazem de mim, mas da minha aparição.

Chego lentamente ao mundo, habituado a não aparecer de repente. Caminho rastejando. Desde já os olhares brancos, os únicos verdadeiros, me dissecam. Estou fixado. Tendo ajustado o microscópio, eles realizam, objetivamente, cortes na minha realidade. Sou traído. Sinto, vejo nesses olhares brancos que não é um homem novo que está entrando, mas um novo tipo de homem, um novo gênero. Um preto! (FANON, 2008, p. 108).

Conforme o autor aborda, há na própria aparição do negro um arquétipo que, diferentemente do judeu, o preto é lançado à ideia preconcebida acerca da sua humanidade ou, até mesmo, sem ela. Isso ocorre quando o negro está sendo sujeitado a chegar sorrateiro nos lugares, pois o branco, com a ideia prefixada de sujo, feio e mal sobre o preto, lança-o ao lugar de para além do humano, isto é, de selvagem, que não é humanizado, “um novo gênero. Um preto!” (FANON, 2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O romance de Clarice Lispector, apesar de possuir seu caráter existencialista, pois se está diante de uma personagem/narradora que passa, a

partir da sua “perda de humanidade”, por uma experiência existencial singular, também apresenta uma possibilidade de análise a partir da perspectiva racial considerando a presença/ausência da empregada doméstica Janair, personagem secundária que lança luz às relações raciais e de classe no famoso romance de Lispector. Assim, pode-se observar que, para além da figura de G. H., há na figura de Janair, silêncio/mensagem, uma perspectiva que propõe uma rica reflexão para se discutir acerca do racismo no século XXI.

Conforme foi visto anteriormente, os traços do racismo podem ser observados no romance de Clarice Lispector, pois Janair - personagem negra do romance -, através da sua cor, foi configurada por imaginários que permeiam o corpo negro. Assim como o menino que tem medo do preto feio, do fragmento supracitado de Fanon, G. H. distanciou-se daquilo que fica no resto, no sujo e no desorganizado. Adiante, constata-se a lembrança e distanciamento que ela criou da negra empregada doméstica.

Os traços – descobri sem prazer – eram traços de rainha. E também a postura: o corpo erecto, delgado, duro, liso, quase sem carne, ausência de seios e de ancas. E sua roupa? Não era surpreendente que eu a tivesse usado como se ela não tivesse presença: sob o pequeno avental, vestia-se sempre de marrom escuro ou de preto, o que a tornava toda escura e invisível – arrepiei-me ao descobrir que até agora eu não

havia percebido (LISPECTOR, 2009, p. 40).

Esse último fragmento citado do romance demonstra o desconhecimento de G. H. para com a empregada de sua própria casa. Certamente que ela a encontrou em certos momentos, mas a ideia de um lugar sujo e desprovido de organização, relacionado à Janair, vem deste conhecimento implícito acerca da condição humana dos descendentes de negros.

Janair é mais uma das mulheres negras que vive, entre as pequenas senzalas, “o quarto da empregada”, sem ser ao menos lembrada pelo seu rosto. Relacionada à imagem de sujeira e restos, Janair é mais uma que, com o avental todo preto, e também preta, torna-se, como a protagonista narra: invisível.

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. Da ficção “egótica” à ficção suprapessoal. Experiências Clarice Lispector. *In*: BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 52 . ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

FANON, Frantz. A experiência vivida do negro. *In*: FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas / Frantz Fanon ; tradução de Renato da Silveira . - Salvador: EDUFBA, 2008.**

FEDERICI, Silvia. **O Ponto Zero da Revolução**: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. São Paulo: Elefante, 2018. 388 p.

LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G.H.**. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

NASCIMENTO, Evando. Más companhias. *In*: NASCIMENTO, Evando. **Clarice Lispector: uma literatura pensante**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

NUNES, Benedito. O mundo imaginário de Clarice Lispector. *In*: NUNES, Benedito. **O dorso do tigre**. São Paulo: Ed. 34, 2009.

NUNES, Benedito. O Itinerário místico de G. H. *In*: NUNES, Benedito Nunes. **O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector**. São Paulo. Ática. 1995.

PINHEIRO, Luana; LIRA, Fernanda; REZENDE, Marcela; FONTOURA, Natália. QUEM SÃO AS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS NO BRASIL? *In*: **OS DESAFIOS DO PASSADO NO TRABALHO DOMÉSTICO DO SÉCULO XXI: REFLEXÕES PARA O CASO BRASILEIRO A PARTIR DOS DADOS DA PNAD CONTÍNUA**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. - Brasília: Rio de Janeiro: Ipea (1990), 2019.

RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando, 2017.

NOTAS

¹Tradução extraída do dicionário francês on-line Michaelis: camadas miseráveis e moralmente degradadas da sociedade.